

El Viejito

I

O homem é a medida do próprio homem.

Quão grandes ou pequenos são, de fato, os feitos humanos? Há parâmetros capazes de mensurar nossa real grandeza no mundo?

Em sentido amplo, formular respostas a perguntas como estas, quando não nos leva à produção de conhecimento propriamente dito, o faz quanto à formulação de novas e, às vezes, paradoxais perguntas, como, por exemplo, qual a importância de se buscar tais respostas? O poeta Fernando Pessoa foi um que mandou várias vezes o cientificismo às favas, toda vez que este oprimia seu senso poético.

Antes, porém, que você me pergunte o quê este preâmbulo tem a ver com xadrez, vou logo dizendo: nada tem a ver. Ou tudo, se o leitor tiver em mente que ele me ocorreu no momento de escolher uma abordagem que, de fato, fizesse jus ao jogador que ora centraliza minhas atenções.

Especificamente falando, minha preocupação era: como dimensionar com precisão a importância deste jogador para o xadrez praticado em terras capixabas?

Seguindo o rastro deixado por Pessoa, procurei não enveredar por esta seara – a de mensurar o imensurável – e deixei simplesmente que, se fosse o caso, o relato dos fatos o fizesse por mim.

Assim, a medida histórica que se extrai do texto que ora você lê, espelho da relevância enxadrística de seu protagonista, deriva do próprio texto e não de uma avaliação pessoal – me livrei desta responsabilidade, que nem teria como suportar sobre os ombros. É, por isto mesmo, mais democrática e sujeita a controvérsia; do quê, sinceramente, acredito ter equacionado da melhor forma o problema que, de início, se me apresentava.

Gostaria, ainda, de indicar a presente leitura aos mais jovens, tanto em idade, quanto em espírito.

II

Reza a lenda que, certa vez, ao levar uma sonora bordoadada do PC – Paulo César Vieira, terceiro predecessor de Jorge Bittencourt –, o MF argentino, e radicado no Estado, José Luís Agdamus, após o mate imediato que lhe custou a partida, levou as mãos à cabeça e, com um olhar desolado, dirigido ao vazio deixado pela derrota, balbuciou, milongueiro: “Não faça assim com o velhinho”.

Não posso aqui detalhar melhor o contexto que encomendou este desfecho. Apenas repito a conversa de bastidores que permeia os torneios de xadrez. Mas, ainda que pudesse fazê-lo, estaria assim diluindo em pormenores a essência desta história.

Para ser mais incisivo, quando a ouvi, percebi que ela ia além da gozação própria da rivalidade entre Brasil e Argentina.

Separados pelas chuteiras – graças ao bom Deus! –, brasucas e argentinos são irmanados por laços culturais indissolúveis, e, ainda que originados de diferentes colonizadores, ambos trazem no DNA histórico o jugo austero da metrópole.

Não bastasse isso, os *hermanos* deram ao mundo o músico Astor Piazzola e o escritor Jorge Luis Borges – e se quiserem, ainda, o genial Maradona! –, e a nós enxadristas, em particular, o polonês naturalizado argentino Miguel Najdorf, também conhecido como *El Viejo!*

Para aqueles que, como eu, jogam intuitivamente a maioria das aberturas, falar em Variante Najdorf na Siciliana significa que é hora abrir o livro e começar a estudar.

Mas, se eu lhes der a seqüência **1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6**, então vocês estarão, após o quinto lance das pretas, diante de uma das variantes mais estudadas e praticadas por aqueles – em qualquer nível de conhecimento enxadrístico – que vivem em busca de emoções fortes sobre o tabuleiro: a poderosa Variante Najdorf!

Tomado deste sentimento alheio à trincheira da rivalidade, entendi porque, tanto quanto eu revivia aquela fala – “Não faça assim com o velhinho” – à procura do riso de quando a ouvi pela primeira vez, eu me via, por outro lado, compelido a retratar de alguma forma aos inadvertidos, sobretudo aos mais jovens, a relevância do jogador oculto sob o episódio que a ensejara.

José Luis Agdamus viveu seu apogeu enxadrístico durante a década de setenta, quando participou ativamente do circuito mundial, jogando contra vários dos enxadristas mais fortes da época.

Esteve frente a frente contra o próprio Miguel Najdorf, o campeão mundial Vassily Smyslov e a lenda viva do xadrez, Bobby Fischer; e todos encontraram nele enorme resistência.

Najdorf só conseguiu derrotá-lo após cinquenta e cinco lances, Fischer em trinta e cinco – mas me apontem alguém que tenha sobrevivido quarenta lances contra Fischer em 1970; dá para contar nos dedos das mãos... – e Smyslov até hoje tenta adentrar com seu bispo o hipódromo montado por Agdamus, cujas baias, à época, seus dois cavalos controlaram com patas-de-ferro, até o campeão concordar em dividir o ponto disputado. Para quem quiser conferir, estas partidas se encontram disponíveis no ChessBase 9.0.

Para quem ainda não sabe, quando eu e o Pablyto Robert, presidente da FESX, acertamos detalhes acerca desta coluna que escrevo para a página da FESX, o fizemos no sentido de que este seria um espaço dedicado a valorizar as produções enxadrísticas em solo capixaba.

Vale dizer, mais que à análise precisa das partidas, a idéia era dar ênfase ao seu registro histórico e ao caráter humano que elas contêm em si – e, de quebra, não esbarrar na limitação técnica que eu teria para fazer-lhes um corte mais profundo.

Entretanto, hoje abro uma exceção para homenagear o mestre Agdamus.

A partida que escolhi para reproduzir e comentar foi jogada em Buenos Aires, há exatos trinta e cinco anos, por um Bobby Fischer prestes a emperrar a roleta russa montada pelos comunistas e se sagrar campeão mundial de xadrez, contra um jovem *enfant* da época ... José Luis Agdamus!

Apesar do *score* ter anotado 0-1 em favor de Fischer, o critério para a escolha desta partida – e não, por exemplo, o empate contra Smyslov – foi muito simples, e pode ser resumido na seguinte pergunta: quantos jogadores você irá conhecer na vida, que um dia mediram forças no tabuleiro com um mito do xadrez?

Agdamus já o fez e isto, por si só, o credencia a dividir com o tetracampeão Jorge Bittencourt e os tricampeões Rogério Zanon e Jorge Wilson as honras de jogador mais importante a atuar no Estado – senão o mais importante, dirão alguns –, em todos os tempos.

III

Agdamus, José Luis x Fischer, Robert James – Buenos Aires, 1970 (A50).

1. d4! ...

Aqui, como diria o Namyr, Agdamus exclama! – só por ter se sentado para jogar contra Bobby Fischer.

1. ... Nf6

2. c4 b6

Fischer vai fianquetar o bispo da dama na abertura. “Mas já?”, diria, com seu característico sotaque portenho, o próprio Agdamus, antecipando em trinta e cinco anos a pergunta que me fez quando resolvi jogar a Defesa Philidor contra o Fabrício Hupp, no Estadual por Equipes de 2004, e fui massacrado em treze lances, na partida mais deletéria de minha carreira enxadrística.

3. Cc3 Bb7

4. f3? ...

A interrogação aqui não é indicativa de erro, é interrogação mesmo! Como pode? Quarto lance das brancas e, se eu não soubesse quem está jogando, diria que são dois capivaras. Como sei que não o são, continuo sentado na arquibancada, para, a qualquer momento, ver emergir o monstro da lagoa.

4. ... d5

5. cxd5 Cxd5

6. Cxd5 Dxd5

7. e4 Dd7

8. Bc4 g6

Agora Fischer prepara o *fianchetto* do outro bispo. Sabendo da força do par de bispos e, sobretudo, de quem os conduzia, Agdamus deve ter ensaiado aqui o gesto desamparado que, anos mais tarde, acompanharia sua antológica fala na mencionada partida contra o PC.

9. Db3 e6

10. Ce2 Bg7

11. Be3 Cc6

Agora que todas as peças estão desenvolvidas, posso falar de uma lembrança que me ocorreu ainda nos primeiros lances da abertura, em particular após o lance **4. f3**.

Certa vez, em conversa com o Osmar Schmidt, ele me contava de um jogador que, após ter perdido contra Fischer, se dirigiu ao GM norte-americano e perguntou *qual havia sido seu erro na partida*.

Ao contrário do que habitualmente se diz sobre Fischer, este respondeu, educadamente, que *o conjunto da variante era fraco* – e não que o erro havia sido sentar para jogar contra ele, como, de outra forma, se poderia esperar que dissesse.

O que Fischer quis dizer com *conjunto da variante* é algo que, fosse eu seu interlocutor, acenaria positivamente com a cabeça, como quem confirma a si mesmo que, seguramente, não entendeu o que foi dito.

O que me chamou a atenção, entretanto, é que, com o perdão de um possível equívoco – o Osmar possui um repertório vasto e, às vezes, troco os personagens de algumas das histórias que ele me conta –, este jogador teria sido o Agdamus, nesta partida que ora reproduzo.

12. Td1 Ca5

13. Dc2 Dc6

14. Bd3 Dxc2

15. Bxc2 O-O-O

16. Rf2 Td6

17. b3 ...

Não sei não, mas aqui me parece melhor **17. b4**, seguido de **18. a3**. Pelo menos o bispo branco continuaria vivo no jogo, com chances de ir para **b3**, agora ocupada pelo peão, e pressionar o ponto **d5**. Ainda, após **17. b4 Cc4**, que era o que Agdamus queria evitar jogando **17. b3**, **18. Bb3**, e a posição das brancas não me parece comprometida.

17. ... Cc6

18. Td2 Thd8

19. Thd1 Cb4

Preparando a grosoba...

20. Bb1 ...

Agora o bispo se vê diante da eterna passividade a que **17. b3** o havia condenado.

20. ... Ba6
21. a3 Cc6
22. Bd3! ...

Isso, velhinho, vai pra cima dele!

22. ... Bxd3
23. Txd3 f5

Ops...

24. T3d2 Ca5
25. e5 T6d7
26. Cc1 Bf8
27. b4 Cc4

E, ao final das quantas, o cavalo ocupa a casa **c4**.

28. Ta2 ...

Talvez **28. Tc2** fosse melhor.

28. ... Cxe5!

Parafraseando o hino do Santos do “seu Schmidt”, “Fischer sempre Fischer!, dentro ou fora do alcapão”.

29. Tc2 b5!

Agora é aquela velha história. A partida está ganha para o norte-americano, que, lentamente, começa a estrangular a posição de seu adversário.

30. Ce2 Cc4
31. Tc3 e5

Este sorrateiro peão em **e5**, na verdade, é como o silêncio que precede ao caos...

32. f4 exd4
33. Txd4 Cxe3
34. Rxe3 Txd4
35. Cxd4 Txd4

0-1

Depois de **36. Rxd4 Bg7+ 37. Rd3 Bxc3 38. Rxc3**, e o peão de vantagem dá a vitória a Fischer.

*